

Processo de circulação dos textos: configuração e impacto sobre os aspectos semióticos multimodais

*The process of text circulation: configuration and
impact on multimodal semiotic aspects*

Sostenes Cezar de Lima¹; Edimar Pereira da Silva²; Ariovaldo Lopes Pereira³

Resumo: O presente artigo tem como propósito refletir sobre o texto como forma de ação social. Assim, discutem-se alguns aspectos teóricos sobre o texto (suporte, tipo, gênero e multimodalidade), salientando que os textos, no ato de realização, recebem uma configuração no plano material e social. Entretanto, a circulação textual (produção, distribuição e consumo) pode alterar alguns desses elementos da configuração textual, o que pode resultar nos processos de transfiguração, desfiguração e reconfiguração do texto. Buscamos em Marcuschi (2008) e Beaugrande (1997) a base para o conceito de texto como um conjunto de formas linguísticas que potencializam determinado evento comunicativo. Além disso, nos apoiamos em Fairclough (2001) para discutir o processo de circulação textual e os impactos sobre a configuração e sobre os aspectos semióticos multimodais. Nesse sentido, tomou-se como objeto de análise um texto do gênero anúncio publicitário, publicado inicialmente pelo Governo Federal (Fórum do Meio

¹ Universidade Estadual de Goiás-UEG. ORCID ID: 0000-0002-1814-3996.

² Universidade Estadual de Goiás-UEG. ORCID ID: 0000-0003-4450-4641.

³ Universidade Estadual de Goiás-UEG. ORCID ID: 0000-0001-5626-664X.

Ambiente, nº 100, p. 26-27) e posteriormente reproduzido no livro didático “Português: linguagens”, volume 3, de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicado em 2013.

Palavras-chave: Circulação textual; Configuração textual; Aspectos semióticos; Multimodalidade.

Abstract: This article aims to reflect on the text as a form of social action. Thus, some theoretical aspects about the text (support, type, genre and multimodality) are discussed, highlighting the fact that the texts, in the act of realization, receive a configuration in the material and social plane. However, textual circulation (production, distribution and consumption) can change some of these elements of textual configuration, which can result in the processes of transfiguration, disfiguration and reconfiguration of the text. We look to Marcuschi (2008) and Beaugrande (1997) as the basis for the concept of text as a set of linguistic forms that enhance a given communicative event. Furthermore, we rely on Fairclough (2001) to discuss the textual circulation process and its impacts on configuration and on multimodal semiotic aspects. In this sense, the object of analysis was a text of the advertisement genre, initially published by the Federal Government (Forum do Meio Ambiente, n. 100, p. 26-27), and later reproduced in the textbook ‘*Português: Linguagens*’, volume 3, by Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, published in 2013.

Keywords: Textual circulation; Textual configuration; Semiotic aspects; Multimodality.

Introdução: o texto como prática social

As interações sociais, em qualquer nível, apresentam, de forma mais ou menos central, alguma espécie de texto como elemento de mediação e/ou ação. Ou seja, todas as atividades humanas se estruturam segundo determinados usos da linguagem. Bakhtin (2010) apresenta a seguinte síntese:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (BAKHTIN, 2010, p. 261).

Por isso, partimos do pressuposto teórico de que as práticas textuais ou práticas de circulação dos textos (produção, seleção, distribuição e consumo) “constituem, em parte, a própria atividade e organização dos grupos sociais”, isto

é, por meio dos textos “as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento” (BAZERMAN, 2005, p. 19).

Há situações nas quais o texto constitui diretamente uma forma de ação. Em alguns desses casos, o texto é uma espécie de ato performativo que cria um fato social, no sentido aplicado por Austin (1990[1962]). Consideremos, por exemplo, o registro de nascimento feito num Cartório de Registro Civil: tal texto gera/constrói uma pessoa em termos de direitos jurídicos e civis. Embora não haja, no ato de registro, uma seção solene na qual o oficial ou suboficial do cartório declare a existência jurídica de alguém a partir daquele momento, o fato é que o registro de nascimento confere, como ponto de partida, o direito civil ou de cidadania a alguém.

Há outras situações em que o texto tem uma função ativa, porém não tanto performativa. Consideremos a seguir uma sequência de eventos de uma dada prática social. Certo motorista deixa sua casa em direção ao trabalho, conduzindo seu carro pelo espaço urbano, por uns 30 minutos. Aparentemente, o motorista estaria inserido numa prática social sem qualquer prática de texto, já que percorre todo o trajeto em silêncio, apenas operando mecanicamente o carro. Porém, um exame um pouquinho mais detalhado da atividade simples e rotineira de se dirigir o carro de casa para o trabalho nos mostra o quanto nossas ações na sociedade são textualmente construídas. No exemplo dado, o trajeto de casa ao trabalho, que dura em torno de 30 minutos, é todo percorrido em perímetro urbano, em vias marcadas por diversos modos de sinalização: placas informativas sobre direção e localização de algumas instituições, edifícios etc.; placas informativas sobre limite de velocidade e indicação de locais de fiscalização eletrônica; placas informativas sobre regulamentação de estacionamento, direções permitidas e proibidas, parada obrigatória, entrada preferencial etc. Apesar de, nesse evento, o sujeito não se apresentar como produtor de texto, é inegável que ele esteja obrigatoriamente sujeito às ações textuais e, portanto, imerso numa prática textual.

Ainda sobre o exemplo dado, ações como parada, mudança de faixa, escolha da velocidade, entre outras, são quase sempre realizadas por força de um texto. Vejamos o caso do limite de velocidade, em que o condutor segue a

uma velocidade média de 80 km/h, logo à frente aparece uma placa com os dizeres: *Fiscalização eletrônica*. Em seguida, aparecem outras placas arredondadas com fundo na cor branca e bordas circuladas de vermelho e com *60 km/h* escrito ao centro na cor preta. Essa sequência de textos colocados no suporte textual - placa - produz uma série de ações no condutor: ele logo diminuirá a velocidade, atendendo ao limite especificado pelos textos das placas. Caso não queira se adequar às ações textuais tipificadas naquele local e circunstância, estará sujeito a outras ações textuais. Por uma questão de foco, não convém mostrar aqui essa nova sequência de textos e ações textuais que resultarão, caso o motorista não siga as ações indicadas pelos textos das placas.

Diante desse e de tantos outros exemplos, podemos afirmar que o nosso dia a dia se constitui, na verdade, em um fluxo contínuo de textos que, numa ação dialética, nos constrói como sujeitos e configura a realidade social que emerge das nossas práticas. Recorremos aqui ao postulado de Fairclough (2001) segundo o qual o discurso⁴, que se apresenta materializado nos textos, não apenas representa a realidade, como também constrói a realidade, isto é, age sobre o mundo. O autor toma o termo discurso para se referir “ao uso da linguagem como forma de prática social” e isso “implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Uma segunda implicação é que há uma “relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91). Assim, os sujeitos, eventos do cotidiano, a realidade social etc. são não apenas representados, mas também construídos pelos textos. Outra questão a se levantar é que os sujeitos tanto constroem os textos como são construídos por eles, de tal forma que é

⁴ Nesse artigo os termos *discurso* e *texto* vão aparecer de forma sempre relacionada, de modo que uma distinção teórica mais sofisticada não será necessária. Utilizamos aqui a uma distinção sucinta oferecida por Marcuschi (2003, p. 15-16): Texto é, num primeiro momento, o “objeto linguístico visto em sua condição de organicidade e com base em seus princípios gerais de produção e funcionamento em nível superior à frase e não preso ao sistema da língua”. Já o discurso “é o texto em seu funcionamento sócio-histórico”.

bastante problemática, para não dizer impossível, uma demarcação do que venha antes: a ação do texto sobre o sujeito ou a ação do sujeito sobre o texto.

Embora tenha partido do exemplo de um evento concreto da vida cotidiana, é importante ressaltar que a ação social do texto começa em práticas sociais mais abstratas e complexas, que constituem o fundamento de eventos concretos do cotidiano como trânsito, lazer no clube, sala de aula, passeio e compras no shopping etc. Nesse sentido, podemos apontar três ações ou efeitos sociais⁵ mais abstratos e complexos que se constroem a partir de práticas textuais: a) as identidades sociais, posições do sujeito; b) as relações sociais entre as pessoas; e c) os sistemas de conhecimento e crenças (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

1. Considerações teóricas sobre texto

Neste artigo, assumimos uma concepção sociointeracionista da linguagem, ou seja, uma concepção de texto como atividade social. Tal concepção de linguagem e texto conduz à seguinte definição de texto: forma material dos atos linguísticos que potencializa um “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSHI, 2008, p. 72).

Muitos eventos comunicativos podem acontecer sem que as ações linguísticas sejam os instrumentos semióticos que estruturam o sentido. Assim, entendemos que tal evento comunicativo seja também um texto, ainda que não-verbal, pois se trata de um evento comunicativo estruturado, em que convergem ações sociais e cognitivas, e outras ações semióticas. Embora concordemos com essa postulação, essa espécie de texto não será objeto de reflexão neste artigo. Entretanto, convém salientar que mesmo os textos verbais não são construções semióticas linguisticamente puras, sem intervenção e/ou atravessamento de outras *semioses*. Como será desenvolvido adiante, o texto

⁵ Por não constituir o foco deste artigo, apenas mencionamos esses elementos, sem dar o tratamento teórico-conceitual que mereceriam. Para mais detalhes, conferir as seguintes obras: (FAIRCLOUGH, 1995, 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

verbal conjuga diversos elementos semióticos, o que o torna necessariamente uma construção semiótica multimodal.

Desenvolvemos aqui a definição de texto como forma material dos atos linguísticos que potencializa um evento comunicativo, no qual convergem ações semióticas multimodais (elementos linguísticos, icônicos, sonoros, motores etc.), ações sociais e cognitivas. Tal definição enfatiza a natureza semiótica multimodal dos textos que, como dito, nunca aparecem organizados em torno de uma única semiose. Os gêneros multimodais articulam necessariamente ações semióticas linguísticas e outras ações semióticas relacionadas ao campo visual, nos gêneros escritos, e ao campo visual e sonoro, nos gêneros orais.

Na verdade, tal como há um sistema linguístico que orienta a articulação das formas linguísticas para emergência dos padrões de textualidade interna, há também outros sistemas semióticos que orientam a articulação de outros elementos semióticos visuais e/ou sonoros. Desse modo, assim como há uma gramática da língua que estabelece os padrões de relação e articulação das formas linguísticas, há também uma espécie de gramática visual que estabelece padrões sistemáticos e recorrentes das formas visuais (KRESS, 1993a, 1993b, 1995, 2001; KRESS; HASAN, 1989; KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; KRESS; LEITE-GARCIA; VAN LEEUWEN, 1997). Mesmo os textos que não apresentam figura ou imagem possuem determinado padrão visual manifestado na cor da superfície, formato, tamanho e cor das letras impressas, diagramação das margens etc. Portanto, embora não estejamos incluindo os textos não-verbais como objeto de reflexão, não estamos descartando as múltiplas semioses (multimodalidade) que constituem o texto.

Kress e Van Leeuwen (1996) apresentam a sistematização de uma teoria da gramática visual, aplicada especialmente aos gêneros escritos. Os autores apontam os seguintes elementos a serem analisados no texto multimodal:

iconografia, modalidade, cores, desenho das letras, representação dos atores sociais nas imagens, composição da página⁶.

Nesse sentido, voltamos nosso olhar para a definição de texto de Beaugrande (1997) proposta anteriormente, em que o texto passa a ser definido como forma material dos atos linguísticos que potencializa um evento comunicativo, no qual convergem ações semióticas multimodais (elementos linguísticos, icônicos, sonoros, motores etc.), ações sociais e cognitivas.

2. Considerações sobre o circuito do texto

As práticas sociais são efetivadas por meio da circulação dos textos. Como enfatizado, ainda que existam aquelas que pareçam destituídas de formas textuais, como, por exemplo, um jogo de futebol.

No caso do jogo de futebol, existe um texto (oral ou escrito) no qual constam as regras do jogo; existe outro texto que regulamenta as regras do campeonato; existe outro texto que firma o contrato dos jogadores com determinado clube etc. Há, na verdade, uma lista enorme de textos que dão sustentação, legitimidade a uma partida de futebol, especialmente quando se trata de um jogo profissional. Por mais que, dentro do campo, as ações físicas sejam mais importantes do que as ações linguísticas (afinal, só se faz um gol com um chute, uma cabeçada ou qualquer outro movimento do corpo), as ações corporais só têm efeito se estiverem de acordo com determinadas ações textuais.

Assim, podemos afirmar que é a circulação dos textos que dá tessitura, organização e significado para as práticas sociais. Uma vez que o circuito dos textos seja cortado ou perturbado dentro de certa prática social, certamente tal prática enfrentará algum tipo de perturbação ou instabilidade dentro do cenário sociocultural mais amplo, isto é, dentro da sociedade e da cultura. Consideremos novamente o caso do jogo de futebol. Digamos que entra em campo um jogador que não tenha um contrato formal com o clube, nem tenha preenchido um

⁶ Como não constitui objetivo deste artigo, enumeramos tais elementos sem fazer uma análise aprofundada de cada um. No próximo tópico, *Considerações sobre o circuito do texto*, faremos alguns comentários sobre alguns desses itens, mas sem a intenção de sistematização e análise.

formulário de inscrição junto à entidade que organiza a competição. Pode até ser que o atleta consiga jogar; porém, o resultado da partida vai ser seriamente questionado, com grande possibilidade de que o clube, pelo qual atuou tal jogador sofra duras penalidades. Por causa da quebra do circuito textual (um texto que era vital para a prática não foi produzido e distribuído para o consumo), vão surgir diversas ações subseqüentes que desestabilizarão aquela prática social.

Poderíamos propor outra situação de perturbação do circuito do texto, relacionada a essa mesma prática social. Digamos que o clube do jogador tenha tido acesso ao formulário e o tenha preenchido, mas não tenha apresentado em prazo hábil à entidade responsável. Provavelmente os resultados subseqüentes serão os mesmos. Isso quer dizer que, em algumas situações sociais, a mera realização do texto não é suficiente para satisfazer às demandas textuais de determinada prática social. É preciso que o texto seja produzido de acordo com as exigências da prática em questão, do contrário não terá legitimidade.

A circulação dos textos dentro do cenário sociocultural ocorre em função de investimentos tecnológicos que permitem que os textos transcendam o espaço e tempo real de produção. Os artefatos de armazenamento dos textos, suportes textuais, tipos textuais, gêneros textuais, domínios discursivos, formações discursivas e práticas sociais constituem a base da circulação dos textos. Nesse sentido, para que um texto circule socialmente é preciso que haja: 1) uma superfície material ou virtual no qual será inscrito (*artefato tecnológico de armazenamento do texto*), 2) um artefato tecnológico sociocultural especializado em conduzir texto (*suporte textual*), 3) uma sequência linguística tipificada associada a uma determinada função sociocultural da linguagem (*tipo textual*), 4) uma esfera ou instância de produção discursiva na qual se inserem determinadas práticas discursivas (*domínio discursivo*), 5) um conjunto de compromissos socioideológicos materializado no discurso que marca as relações de poder e as identidades sociais (*formações discursivas*) e, por último, 6) uma situação social na qual o texto cumprirá uma função específica (*prática social*).

2.1. Configuração textual

O modo como cada texto articula todos esses elementos é o que chamamos aqui de configuração do texto. Como pode ser observado, há elementos da configuração do texto que estão ligados a fatores socioculturais e outros que estão ligados à multimodalidade semiótica do texto, isto é, aos multissistemas semióticos implementados. Assim, propomos uma classificação da configuração textual em dois níveis: um focando as situações sociais de circuito do texto (produção, distribuição e consumo), e outro focando os aspectos materiais do texto, isto é, a realização empírica multimodal dos diversos sistemas semióticos. Assim temos as seguintes categorias analíticas: 1) *Configuração do texto no plano social*, envolvendo os elementos: domínios discursivos, formações discursivas e prática social; e 2) *Configuração do texto no plano material*, envolvendo os elementos de suporte textual, tipo textual e gênero textual.

Com efeito, pode-se afirmar, com relação à configuração textual, que cada texto é realizado dentro de um quadro configurador original. Isso não quer dizer que os textos não possam transcender esse enquadramento inicial. Pelo contrário, o que se observa é que todo texto, pelo menos potencialmente, pode romper a qualquer momento com essa configuração original. Porém, ao romper com algum aspecto de sua primeira configuração, certamente passará a exercer outras funções socioculturais, e entrará em um novo circuito.

O circuito dos textos é um processo complexo, difícil de ser mapeado, no sentido de se determinar o momento exato da produção de certo texto. Mesmo que se possa determinar o momento de produção do texto, terá que se admitir que a maior parte dos textos, especialmente os gêneros escritos, não entra imediatamente em plena circulação.

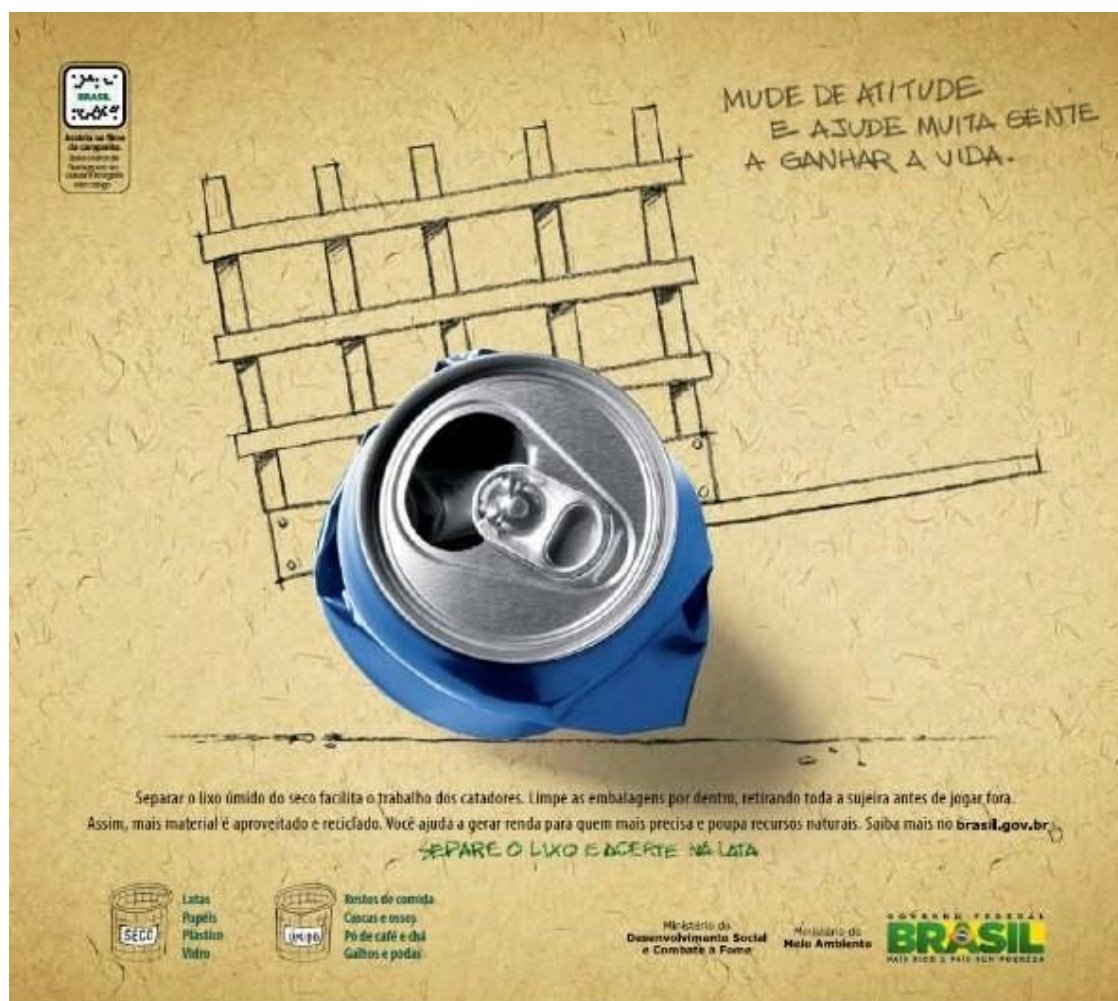
A maior parte dos gêneros escritos passa por um processo complexo de circulação que inclui, num primeiro momento, a produção, seguida de revisão, seleção, para só então se instalar num determinado suporte textual.

O processo de instalação de um gênero escrito num determinado suporte é um processo tão complexo quanto sua produção, pois essa instalação do texto no suporte está relacionada à configuração do texto no plano material, por vezes,

sem alterar a linguagem de manifestação, isto é, a acomodação do texto no suporte recebe uma configuração material multimodal através da realização empírica dos multissistemas semióticos. Juntamente com configuração no plano material o texto também é configurado no plano social, ao se inserir numa prática discursiva, numa formação discursiva e numa prática social.

A seguir, analisaremos o texto *Separe o lixo e acerte na lata*, originalmente publicado no documento sobre os Resíduos Sólidos, do Governo Federal - Ministério do Meio Ambiente, publicado em 2012 (Fórum, nº 100, p. 26-27). Esse mesmo texto foi reproduzido no livro didático “*Português: linguagens, 3*”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhaes. De agora em diante o texto será identificado como *Separe o lixo e acerte na lata*.

Figura 1: *Separe o lixo e acerte na lata*.



Fonte: Disponível em <https://eco4u.wordpress.com/2011/06/21/separe-o-lixo-e-acerte-na-lata-campanha-para-aumentar-o-nivel-de-reciclagem-no-brasil/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

O texto, em sua primeira circulação, tem o seguinte padrão configuracional:

Configuração no plano material:

- a) *Artefato tecnológico de armazenamento do texto*: caderno documental do Fórum
- b) *Suporte textual*: papel
- c) *Tipo textual*: híbrido (injuntivo, expositivo, descritivo, argumentativo)
- d) *Gênero textual*: anúncio publicitário
- e) *Aspectos multimodais*: diversificação de imagens, cor, letras (fonte, tamanho, cor), distribuição dos elementos na página, tipo do papel etc.

Configuração no plano social:

- a) *Prática discursiva*: publicidade (o próprio texto) e legalidade (documento)
- b) *Formação discursiva*: mista⁷
- c) *Prática social*: mista (anúncio de prática comportamental, consumo, cuidados com resíduos sólidos etc.)

As informações de configuração do texto que foram apresentadas logo acima servem apenas para ilustrar brevemente o quanto a configuração de um texto é um processo complexo.

Faremos um levantamento da configuração do texto, em sua reprodução no livro didático, o que nos permitirá verificar o quanto os aspectos configuracionais, tanto no plano material quanto no plano social, são modificados. Diante disso, cabem aqui os seguintes questionamentos: a) em que medida a circulação de um texto, especialmente quando há alteração em algum

⁷ Nesse caso usamos o termo *mista* para situar situações do uso do texto em que se agregam tanto o suporte de inscrição quanto a linguagem que se manifesta no texto.

dos elementos da configuração original (*artefato tecnológico de armazenamento textual, suporte textual, tipo textual, gênero textual, domínio discursivo, formação discursiva e prática social*) afeta seus aspectos semióticos? Será conveniente dizer que quando um texto rompe com sua configuração original, em função da circulação, sofre alterações semióticas, no sentido de perdas ou ganhos semióticos?

A seguir apresentaremos algumas reflexões sobre os conceitos de *transfiguração, desfiguração e reconfiguração textuais*, discutindo as questões levantadas acima e analisando o texto *Separe o lixo e acerte na lata*.

2.2. Transfiguração, desfiguração e reconfiguração textual

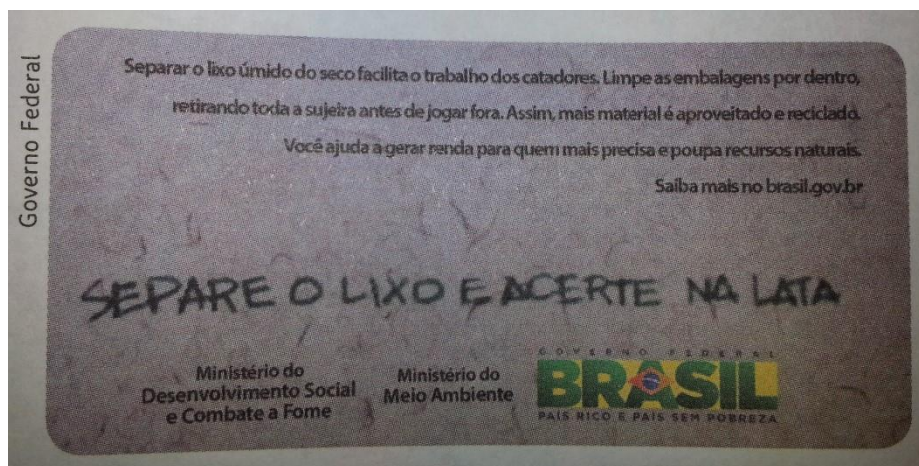
Chamamos de *transfiguração* o processo de transposição de um texto de uma determinada configuração (material e social) para outra. Essa transposição ultrapassa a ideia de transferência do texto de um suporte para outro; inclui também (como no caso em análise) a transposição de uma prática enunciativa para outra, o que ocasiona necessariamente um novo circuito social para o texto. Já a *desfiguração* é o processo de alteração dos aspectos semióticos multimodais e a alteração do contexto social de circulação do texto, impondo sobre este alguma perda em seus aspectos semióticos e em sua função social original. A instalação de um texto em novo circuito trará como resultado também uma nova *reconfiguração*, processo que resulta da readequação/reencaixamento do texto a um novo contexto de circulação.

Há situações em que o processo de desfiguração pesa bastante sobre a reconfiguração do texto, diminuindo sensivelmente o potencial semiótico e social do texto. Um bom exemplo disso são os textos que circulam no livro didático. Nesse caso, o processo de desfiguração (material e social) é tão intenso que raramente o consumo de um texto instalado no livro didático pode ser caracterizado como um consumo natural, espontâneo e funcional.

2.2.1. Análise dos processos de transfiguração, desfiguração e reconfiguração do texto *Separe o lixo e acerte na lata*.

a) Quanto ao *artefato tecnológico de armazenamento textual*

Figura 2: Recorte do Anúncio: *Separe o lixo e acerte na lata*.



Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 182).

O papel utilizado para impressão do documento do Ministério do Meio Ambiente é bastante diferente do papel usado no livro didático *“Português: linguagens, 3”*. As características dos *artefatos tecnológicos de armazenamento do texto* são bastante importantes para a configuração dos aspectos multimodais do texto. O papel e o brilho do documento acomodam melhor o jogo de cores, o que dá ao texto um padrão de visibilidade bem melhor. Quanto à qualidade de impressão, o documento apresenta uma alta resolução, o que confere ao texto um alto padrão de nitidez, enquanto no livro didático, as características do papel desfavorecem o jogo de cores e a qualidade da impressão é bastante baixa, o que prejudica bastante a nitidez e legibilidade: a parte do anúncio em que aparecem as orientações para o manuseio do lixo está um pouco ilegível no livro didático.

Uma questão importante e que afeta sensivelmente os aspectos multimodais do texto é a disposição na página. Essa é uma questão complexa que envolve diversos elementos da configuração do texto. No que diz respeito ao *artefato tecnológico de armazenamento do texto*, ressalta-se que, no Documento Federal, o texto ocupa uma página inteira, com as seguintes dimensões gráficas: 16 centímetros de largura (linha horizontal) por 20

centímetros de altura (linha vertical). Já no livro didático o texto ocupa apenas uma coluna do lado esquerdo da página, que está dividida em duas colunas iguais na linha vertical; o texto tem as seguintes dimensões: 7,5 centímetros de largura (linha horizontal) por 3,6 centímetros de altura (linha vertical). O espaço ocupado pelo texto na superfície é um fator bastante significativo para a legibilidade e, portanto, para o consumo do texto.

Nesse sentido, podemos dizer que essas mudanças configuracionais provocaram uma desfiguração do texto. Com as dimensões e características que tem este texto, no livro didático, dificilmente, entraria num circuito de consumo natural, uma vez que, neste caso, no livro didático, o anúncio reproduzido é desvinculado e extraído de sua intenção inicial – promover a preservação do meio ambiente por meio de ações de reciclagem -, para ser trabalhado como suporte para questões de atividades relacionadas à gramática normativa da língua portuguesa - uso de verbos no imperativo.

b) Quanto ao *suporte textual*

Em sua circulação original, o texto – publicação do Fórum do Meio Ambiente – aparece em um caderno de tiragem anual, publicado em dezembro de 2012. O documento tem 587 páginas que, no conjunto, formam uma espessura em torno 87 milímetros, com peso aproximado de 380 gramas. Em sua reprodução, o texto aparece num livro didático editado em 2013, com as seguintes características físicas: tem 464 páginas que, no conjunto, formam um livro bastante espesso, em torno de 2,6 centímetros, com um peso aproximado de 1,8 kg.

O livro é um suporte textual que confere aos textos um aspecto de durabilidade maior, de modo que a data de publicação tem menos impacto sobre a configuração social e sobre os aspectos multimodais do texto. No entanto, como o texto em análise é um gênero (anúncio publicitário) de consumo bastante efêmero, certamente os aspectos temporais envolvidos na distribuição desse texto devem ter um impacto bastante significativo sobre sua configuração geral e, conseqüentemente, sobre o consumo. Realmente, o fato de o texto ter sido publicado originalmente em um documento oficial (de periodicidade anual) em 2012, reproduzido no livro didático em 2013, e ser consumido nas escolas até o

ano de 2016, dentro de um livro didático, deve impor ao texto forte grau de desfiguração social.

c) Quanto ao *tipo e gênero textual*

O gênero do texto e as sequências tipológicas não sofreram alterações, já que o texto é reproduzido na íntegra e sem mudança na diagramação. No entanto, no livro didático ele não é um texto independente, mas intimamente relacionado à unidade didática. Tanto na revista quanto no livro o texto é um anúncio publicitário. Contudo, o funcionamento social do gênero sofre uma mudança acentuada (desfiguração) com a transfiguração. Certamente, no aspecto composicional o gênero se mantém inalterado, mas no que concerne ao funcionamento social do gênero, o texto, que foi produzido, distribuído e dirigido para o consumo numa determinada circunstância social específica, não concentra mais todas as propriedades sociais do gênero anúncio publicitário.

Uma questão que precisa ser mencionada é que, no documento, o texto *Separe o lixo e acerte na lata* constitui um gênero autônomo que se junta a outros para composição material do suporte como objeto particular a ser divulgado. Os textos se agrupam no suporte *documental* sem que haja necessariamente uma relação intertextual ou temática, nem tampouco uma relação de hierarquia entre gêneros, no sentido de que um gênero esteja subordinado ou dentro de outro.

Na perspectiva dos suportes textuais, o documento federal é um ambiente colonizador de gêneros típicos, tais como: anúncio publicitário, entrevista, artigo de opinião, notícia, matéria etc. Ou, visto na perspectiva dos gêneros, parece haver a tendência de que certos gêneros se organizem na colonização de um determinado suporte para se fixarem e circularem. Nessa direção, Marcuschi (2008) faz a seguinte afirmação: “os gêneros são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados, seja para se fixarem ou circularem. Seria interessante analisar a hipótese de que os gêneros têm preferências e não se manifestam na indiferença a suportes” (MARCUSCHI, 2008, p. 175).

Já a circulação do texto *Separe o lixo e acerte na lata* no livro didático tem outra característica de suporte e gênero. Consideremos, primeiramente, a

mudança de suporte. A circulação de um anúncio publicitário, com funções sociocomunicativas de divulgar determinado produto ou marca, ou campanha socioeducativa, num livro, é algo bastante incomum, para não dizer improvável. Podemos inferir que a transferência do texto *Separe o lixo e acerte na lata* para o livro pode ter provocado uma desfiguração em sua função sociocomunicativa, e, conseqüentemente, em sua configuração no plano social, como se verá mais detalhadamente abaixo.

Há ainda outra questão importante. No livro, o texto *Separe o lixo e acerte na lata* não atua como um gênero autônomo; está inserido no gênero *livro didático*, que se caracteriza por realizar uma rede de intergêneros, no qual se atualizam, de modo integrado e interdependente, diversos gêneros com finalidade didática.

Não dispomos de uma lista de quantos e quais gêneros aparecem no gênero *livro didático*, mas, em princípio, o número e a natureza de gêneros dessa lista podem ser indefinidos. Parece não haver restrição para a entrada de gêneros no gênero *livro didático*.

d) Quanto à *formação, prática discursiva e prática social*

A reprodução do texto *Separe o lixo e acerte na lata* no livro didático provoca uma série de alterações no contexto social (*formação discursiva, prática discursiva e prática social*), e isso muda radicalmente a função social do texto. Alguns elementos semióticos importantes se perdem ao serem desconsiderados no exercício de transposição do anúncio publicitário de seu suporte original de circulação para o livro didático. No contexto original, há no centro do anúncio, uma lata amassada envolta por contornos que formam o desenho, comum em grandes cidades, além da campanha educativa: *Mude de atitude, ajude muita gente a ganhar a vida*. A campanha coloca em evidência um público que sobrevive da reciclagem. Essa parte do texto é recortada no livro didático.

A agência publicitária responsável por produzir a campanha para o Governo Federal, nesse caso, considera diversas questões como: a) em que tipo de mídia (impressa, televisiva, eletrônica etc.) a campanha será divulgada; b) qual será o público-alvo da campanha; c) que tipo de veículo de comunicação

será mais adequado para atingir esse público; d) que aspectos multimodais (imagens, cores e tamanho, fonte e cores das letras etc.) serão aplicados ao texto; e) como o texto será construído no que diz respeito aos aspectos linguísticos; entre outras. É fato óbvio que o anunciante, nesse caso o Governo Federal, pagará à agência pela produção da campanha e ao veículo de comunicação pela veiculação da peça publicitária.

É significativo, do ponto de vista do funcionamento social do gênero, o fato de que o texto *Separe o lixo e acerte na lata*, em seu contexto original de circulação, esteja veiculado em uma campanha de âmbito nacional, dirigida a toda a comunidade e que abrange questões mercadológicas de apoio ao serviço informal de reciclagem em cenários urbanos, entre outras características. Desse modo, observa-se que há uma série de contratos sociais firmados em torno da veiculação de um anúncio publicitário, que determinam sua configuração no plano social.

Quando o texto *Separe o lixo e acerte na lata* é reproduzido no livro didático, além de ser utilizado somente uma parte do anúncio, a maior parte desses acordos sociais não é mais considerada, o que nos permite dizer que houve uma forte desfiguração social do texto. Uma das principais mudanças é que no livro didático o texto não tem mais a função de divulgar uma campanha, mas sim de exemplificar conteúdos didáticos referentes à norma gramatical da Língua Portuguesa, como está anunciado no capítulo 6 do livro didático, chamado: Período composto por coordenação: as orações coordenadas. Depois do texto, aparece uma sequência de tópicos conceituando orações coordenadas e mostrando como o texto foi bem-sucedido nessas estratégias. E logo na sequência apresenta uma atividade de interpretação do texto:

1. Um anúncio tem a finalidade de informar as pessoas, sensibilizá-las e convencê-las sobre determinado produto ou ideia. No trecho: “Separe o lixo e jogue na lata”
 - a) Qual é o anunciante? E o destinatário?
 - b) Nos três enunciados que compõem a parte verbal do anúncio, predominam formas verbais do imperativo: mude, ajude, limpe separe, acerte. Na sua opinião, por que o anunciante deu preferência a esse modo verbal?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 182).

Em resumo, podemos dizer que a veiculação do texto no documento do Governo Federal tem o intuito de promover a reflexão sobre os costumes culturais. A produção do anúncio está inscrita numa atividade comercial, explorada por agências publicitárias. No caso específico desse anúncio, a circulação é feita em um documento institucional do Ministério do Meio Ambiente, não havendo, portanto, pagamento para veiculação. No livro didático, o anúncio perde as propriedades de mercadoria textual, passando a funcional apenas como um enunciado que realiza certas propriedades gramaticais e textuais. É importante mencionar que, até onde se sabe, nenhum anunciante ou agência publicitária paga para que algum texto seu seja veiculado em livros didáticos, nem o contrário também acontece. Há casos em que o autor do livro didático, para reproduzir algum texto, deve não apenas mencionar a fonte, mas pedir licença ao anunciante ou à agência que produziu a campanha, atendendo à legislação que trata de direitos autorais e de reprodução.

Considerações finais – Implicações da configuração textual na educação linguística

É fato que uma mudança no padrão configuracional do texto, tanto no plano material quanto no plano social, produzirá implicações para o seu consumo. Defendemos aqui o postulado segundo o qual quanto mais profundas forem as alterações configuracionais, mais o consumo do texto será afetado e se tornará uma prática de uso da linguagem menos autêntica e funcional. Tal reflexão é perfeitamente confirmada nas práticas textuais em sala de aula. Não é por acaso que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam que as ações didáticas de ensino de língua (materna e estrangeira) devem partir de usos autênticos da língua, isto é, de construções textuais que circulem efetivamente na sociedade

A proposta de se trabalhar com textos, e não com frases, ainda não constitui uma postulação teórica suficiente para tornar as práticas textuais (consumo: audição e leitura de textos; e produção: fala e escrita de textos) mais efetivas e funcionais na escola. É preciso que se leve em consideração a configuração original dos textos. Para que as ações didáticas na educação linguística, especialmente em língua materna, sejam modificadas, e passemos

de um modelo de ensino centrado em atividades de codificação e decodificação (interpretação de texto, redação e gramática) para um modelo centrado em atividades de letramento (prática de leitura, prática da oralidade, prática da produção de texto, prática da análise linguística, todas ligadas a práticas sociais significativas para os aprendizes), é preciso que se desenvolvam propostas teórico-didáticas que enfatizem o trabalho com realizações textuais autênticas, isto é, que sejam minimamente deslocadas de seu padrão configuracional original.

O mero trabalho com textos, em substituição a frases isoladas, sem uma preocupação com os aspectos configuracionais, muda pouco as rotinas de práticas textuais em sala de aula. De fato, quando o texto não é tomado como um evento comunicativo, mas como um mero depósito de formas linguísticas exemplares, pouca coisa muda nas práticas tradicionais de ensino de gramática e de leitura.

No que diz respeito às aulas de gramática, o uso do texto desfigurado, em vez da frase isolada, como unidade de ensino, resulta apenas numa mudança superficial da atividade: em vez de o aluno fazer exercícios de *classificação* e *nomenclatura* a partir da frase, fará a partir de um texto qualquer, visto apenas como depósito de formas gramaticais. Desse modo, não temos a realização da prática de análise linguística/semiótica conforme proposta pelos PCN e pela BNCC, que se caracteriza por analisar o modo como recursos linguísticos e outros recursos semióticos multimodais se articulam para a produção dos sentidos que se instalam num determinado texto a partir das diferentes possibilidades de leitura.

Com relação às aulas de leitura, acreditamos que os alunos devem ser instigados a ler textos autênticos, exercendo a leitura como uma prática social efetiva, não apenas como uma prática escolarizada. Isso significa que as atividades de decodificação, aquelas em que o aluno precisa sonorizar o texto escrito e depois garimpar respostas para o famoso exercício de interpretação textual, devem dar lugar à leitura informativa e formativa. Portanto, para que a leitura constitua realmente uma prática social, e não meramente um exercício escolar, é necessário que se ofereça aos alunos a oportunidade de consumir/ler

textos em sua configuração original e construir significados a partir de suas leituras.

O caso do texto *Separe o lixo e acerte na lata*, presente no livro didático, mostra que dificilmente esse texto é consumido de acordo com suas propriedades discursivas originais. No livro didático, o texto deixou de pertencer a um gênero textual autônomo para se desfigurar num gênero didático escolar dependente. Ou seja, deixou de constituir uma manifestação autônoma do gênero anúncio publicitário, para se transformar num subgênero do suporte livro didático, que serve para exemplificar conteúdos escolares.

Nesse sentido, defendemos que o consumo textual na escola deve levar em consideração os padrões configuracionais dos textos, a fim de que a leitura seja uma prática mais efetiva e funcional. Para tanto, é necessário fazer um estudo completo do gênero, da sua análise à sua produção, levando em conta a problemática da circulação, especialmente os que estão relacionados com a configuração no plano social. Porém, é preciso, para que o impacto da desfiguração seja o menor possível, que se mantenham intactos, pelo menos, os padrões de configuração material do texto, isto é, seu suporte original. Desse modo, oferecer um texto publicitário para o consumo em sala de aula sem nenhuma desfiguração material, ou seja, mantendo o texto no suporte original, propiciará aos alunos oportunidades muito maiores de letramento social, do que a oferta do mesmo texto transfigurado (consequentemente desfigurado) num livro didático.

Referências

AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação*. (Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990[1962].

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and Society*. Norwood: Ablex, 1997.

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Fórum: Produção e consumo sustentáveis*. nº 100, p. 26-27. 2012. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/producao-e-consumo-sustentavel/separe-o-lixo-e-acerte-na-lata>. Acesso em: 4 nov. 2014.
- CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. *Português: Linguagens*, 3. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Analyzing discourse: Textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.
- _____. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *Critical discourse analysis*. Londres: Longman, 1995.
- KRESS, G. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.
- _____. *Moving Beyond a critical paradigm: On the requirements of a social theory of language*. London: University of London, 1995.
- _____. *Explanation in Visual Communication*. London: University of London, 1993a.
- _____. *Against arbitrariness: The social production of the sign as a foundational issue in critical discourse analysis*. London: Institute of Education London, 1993b.
- KRESS, G.; LEITE-GARCIA; van LEEUWEN, J. Discourse Semiotics. In: van DIJK, T. A. (org.). *Discourse as structure and process*. London: Sage, 1997.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, J. *Reading images. The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. A questão dos suportes dos gêneros textuais. *Revista DLCV*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 09-40.